

Memórias de velhos: rememorando a passagem da escola não quilombola para a escola quilombola de Bacabal

Neves, Joana d'Arc Vasconcelos ¹

Cordeiro, Georgina Negrão Kalife ²

Souza, Juvaneide Júlia de Oliveira ³

RESUMO

Descrever e compreender, a partir dos relatos de idosos, as histórias e memórias sobre a passagem da escola não quilombola para a escola quilombola, na comunidade Quilombola de Bacabal, município de Salvaterra-PA, com foco nas significações e nas suas relações com a escola. Centrado em uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com dois participantes idosos do Bacabal. Os resultados apresentam registros das lembranças individuais, do grupo social ao qual pertencem e o sentido que eles dão à vida em comunidade, na relação com a terra e com a natureza. Além disso, revela a coragem e resistência dos quilombolas na busca pelo direito à escola e à educação formal no quilombo. Assim, assumidos protagonistas na luta pela construção da escola, relembram as dificuldades sofridas e a ausência do poder público local no passado e presente para com a escolarização dos seus.

Palavras-chave: memória de velhos; quilombo; escola.

Memories of old people: remembering the transition from the non-quilombola school to the quilombola school of Bacabal

ABSTRACT

¹ Universidade Federal do Pará. Professora da Universidade Federal do Pará e Coordenadora do Procad-Amazônia: Nas Teias da Amazônia: sujeitos, identidades, territorialidades, linguagens e diversidade. Pequena biografia como por exemplo Professor na instituição. Email: jdneves@ufpa.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5658289632563411>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3110-3649>.

² Universidade Federal do Pará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da UFPA Campus de Bragança. Email: ginakalife@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1399644816577073>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0204-8879>.

³ Universidade Federal do Pará. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da UFPA. Email: juliasouzaoli.72@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9892235604326034>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2541-6734>.

Describe and understand, based on reports from elderly people, the stories and memories about the transition from the non-quilombola school to the quilombola school, in the Quilombola community of Bacabal, municipality of Salvaterra–PA, focusing on the meanings and their relationships with the school. Centered on qualitative field research, data were collected through semi-structured interviews with two participants. The results present records of individual memories, memories of the social group to which they belong and of the meaning they give to life in community, in the relationship with the land and nature. Furthermore, it reveals the courage and resistance of the quilombola people in the search for the right to attend schools to and formal education in the quilombo. Thus, identifying as protagonists in the struggle for the construction of the school, they recall the difficulties suffered and the absence of local public authorities in the past and present in providing schooling for their children.

Keywords: memory of the elderly; quilombo; school.

Memorias de viejos: recordando la transición de la escuela no quilombola a la escuela quilombola de Bacabal

RESUMEN

Describir y comprender, a partir de relatos de personas mayores, las historias y recuerdos sobre la transición de la escuela no quilombo a la escuela quilombola, en la comunidad quilombola de Bacabal, municipio de Salvaterra–PA, centrándose en los significados y sus relaciones con la escuela. Centrado en una investigación de campo cualitativa, los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas con dos participantes. Los resultados presentan registros de memorias individuales, del grupo social al que pertenecen y del significado que le dan a la vida en comunidad, en la relación con la tierra y la naturaleza. Además, revela el coraje y la resistencia de los quilombolas en la búsqueda del derecho a la escuela y a la educación formal en el quilombo. Así, asumidos protagonistas de la lucha por la construcción de la escuela, recuerdan las dificultades sufridas y la ausencia de las autoridades públicas locales en el pasado y en el presente para escolarizar a sus hijos.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

Palabras- clave: memoria de los ancianos; quilombo; escuela.

INTRODUÇÃO

Este estudo situa-se na perspectiva das lembranças inscritas na memória de sujeitos sociais concretos, cujas experiências individuais vividas se revelam também coletivas. São histórias pertencentes a um contexto social do qual fazem parte desde a mais tenra idade. A intenção é descrever e compreender as histórias e memórias sobre a passagem da escola não quilombola para a escola quilombola, na comunidade quilombola de Bacabal, município de Salvaterra, a partir dos velhos⁴ que vivenciariam essa história.

Partimos do princípio que o velho em comunidades quilombolas adquire um importante papel no grupo social e familiar, e essa importância vem das suas experiências, das suas lembranças, assim corroborando com os estudos de Barros (2018) podemos dizer que as memórias dos idosos quilombolas possibilitam nas pessoas que tem acesso a elas a reelaboração de novas versões sobre suas próprias vidas. Ressalta-se que nos territórios quilombolas a memória dos velhos encontra-se intimamente relacionada à oralidade.

Nesse sentido, busca-se resgatar a experiência dos velhos quilombolas e verificar a construção de sentidos produzidos sobre a escola quilombola, haja vista que, além de guardarem as lembranças de experiências individuais vividas são a memória viva do seu lugar. Portanto, testemunhas da história, ocupam-se de suas lembranças, são responsáveis de acessar o passado e no caso da comunidade quilombola assumem uma “função” de prestígio: “a de lembrar” (Bosi, 1994). E mais:

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens -lembranças (Bosi, 1994, p. 53).

Autores como Bergson, Benjamin, Halbwachs e Bosi (1994) mostram caminhos diversos na pesquisa social, no trato com a liberdade evocativa do recordador, revelando em seus estudos que as imagens da lembranças são

⁴O termo “velho” é usado neste artigo como referência as pessoas idosas. O termo foi escolhido tendo como base autores como Simone de Beauvoir que discute “A velhice” (1970) e Ecléa Bosi que em 1994 escreve sobre Memória e Sociedade: lembranças de velhos.



formas organizadoras da memória e com a experiência individual do sujeito da memória que se somam ao grupo ao qual pertencem. Nesse sentido, a afirmação feita por Halbwachs (1990) de que “nunca estamos sós”, reforça o sentido de que lembrar é ao mesmo tempo um ato individual e coletivo, e que acioná-la reflete contextos sociais e culturais do qual faz parte. Assim, busca-se reconhecer os velhos do quilombo como sujeitos de suas histórias, cuja experiências vividas, acumuladas ao longo do tempo, os fazem verdadeiros guardiões da história individual e coletiva do quilombo.

Nesta perspectiva, nos firmamos como pesquisadoras que buscam valorizar e apresentar os discursos daqueles que fizeram parte de histórias que se encontrava invisibilizada e, mais que isso, contribuir na ressignificação da história oficial, potencializando outros olhares para além dos discursos hegemônicos a partir vozes historicamente silenciadas. Nesse sentido o velho quilombola aparece nesta pesquisa como um sujeito que tem resistido por meio de suas narrativas às tentativas de colonização da ancestralidade africana e do apagamento de suas memórias até os dias atuais. Sujeitos de suas histórias, são compreendidos como guardiões da memória individual e coletiva, importantes atores antropológicos, que historicamente sofreram e sofrem as marcas da colonialidade em seus corpos e memórias.

Assim, sua memória expressa por meio de narrativas oral representa recortes de vivências significativas e temporal e, portanto, tem a intencionalidade, ainda que inconsciente, de expressar a experiência, ou seja, memórias de uma vida que atravessa a passagem do tempo. Neste sentido, como defende Zumthor (2010) a memória e a oralidade são fundamentais na preservação e propagação da cultura social, podendo servir para trazer mais das culturas das margens, ou seja, processos humanos, que trazem elementos da memória, através da narrativa, as histórias da comunidade vão circulando, se transformando e suprimindo lacunas não reveladas pela história oficial.

Dessa forma, pode-se dizer que a memória de velho foi/é um elemento importante de resistência e sobrevivência de aspectos de identificação e afirmação cultural de grupos sociais como os quilombolas. Narrativas de sujeitos em processos de ameaças, atravessados por litígios de disputa, conflitos e ressignificação de suas lutas. E que as histórias narradas são memórias, lembranças revisitadas das experiências vividas de seus narradores, os quais fazem recortes daquilo que lhes é significativo.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

Assim, na perspectiva em que se entende os “velhos” como sujeitos de acúmulo de experiências vividas, que contribuem por meio de suas narrativas com a propagação da cultura ancestral e da história local; que deixam suas marcas, impressões e significações nos processos coletivos de reelaboração e reconstrução do passado à luz do tempo presente, mas, com o olhar no que virá, no futuro, nos questionamos: Como ocorreu a passagem da escola não quilombola para a escola quilombola? O que significa isso para esses sujeitos? O que esperam da escola quilombola?

Desse modo, esse estudo insere-se no âmbito da pesquisa de abordagem qualitativa social valendo-se das contribuições de Minayo (2001) sobre os processos de significações de espaço e sujeitos sociais. Nessa direção, este trabalho aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. Se concentra na análise da história e das memórias de “velhos”, objetivando compreender a partir dos velhos da comunidade como ocorreu a passagem da escola não quilombola para escola quilombola na comunidade de Bacabal- Marajó-Pará e sua significação para essa comunidade.

Desse modo, ancora-se nos aspectos fundantes da Nova história social qualitativa, nesse caso, no campo da micro-história que tem como um de seus expoentes, Carlo Ginzburg, autor de *O queijo e os vermes*, 1976, o qual serviu de inspiração para esse trabalho, através da leitura de Lacapra (2015). Consoante a isso, nos concentramos em um tema específico, a fim de resgatar a memória, enaltecer narrativas e descrições do Quilombo de Bacabal e de seus sujeitos sociais, para proceder a explicações e interpretações sobre as narrativas dos velhos quilombolas.

Ressalta-se que as lutas que envolvem o quilombo de Bacabal trazem as marcas da colonialidade que antigos e atuais quilombolas sofreram e ainda enfrentam no Arquipélago do Marajó-Pá, e que fazem dos “velhos” figuras importantes e testemunhos experientes da história e cultura de seu povo. Corroborando com o pensamento de Sarlo (2007) “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiências sem narração”.

Neste horizonte, a escolha pelo estudo em Bacabal para além de compreender o significado e o sentido da passagem de uma escola não quilombola para uma escola quilombola, foi também de compreender o



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

processo constituidor da história da educação formal por meio da escuta dos velhos que, pelas tentativas de colonização e preconceito, ainda se fazem resistente nesse território.

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2023, entre os meses de agosto a outubro. A escolha dos entrevistados seguiu os critérios: a) ser o mais velho de residência no quilombo; b) ter vivenciado de forma ativa do processo de institucionalização da escola no quilombo. Desta forma a seleção dos participantes da pesquisa contou com a contribuição da liderança local, que nos apontou 2 velhos como a memória viva do quilombo, com amplo conhecimento sobre a história de luta e conquistas do Bacabal. Identificados como as pessoas que participaram de todo o processo de elaboração, discussões e reuniões que culminaram na construção de uma unidade de ensino no quilombo assim como do processo que marcou a transição da passagem da escola não quilombola para escola quilombola.

Para acionar as memórias desses dois velhos utilizamos um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas sobre a temática, dando plena liberdade aos entrevistados para adicionar outras informações, corroborando com um diálogo mais aberto e dinâmico. sobre esse aspecto Minayo e Costa (2018) afirmam que:

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação (Minayo e Costa, 2018, p. 141).

Seguindo essa perspectiva, realizamos entrevistas com os dois velhos em momentos diferenciados, em tempo e espaços determinados por eles. Assim, tivemos entrevistas realizadas no próprio Quilombo do Bacabal, assim como, na sede do município de Salvaterra (a entrevistada se encontrava na casa de familiares para tratamento de saúde). No primeiro contato, foram apresentados os objetivos da pesquisa, lido e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. No segundo encontro com os velhos foram



realizadas as entrevistas, que tiveram uma duração média de duas horas que foram gravadas e transcritas.

Ressalta-se que as transcrições das entrevistas preservam na íntegra a fala dos sujeitos, suprimindo apenas os vícios de linguagem. A análise e interpretação baseou-se na reconstrução dos fatos narrados a partir das significações atribuídas aos momentos vividos. Assim, a partir da transcrição foram construídas categorias temáticas considerando os fatos de significância no processo de reconstituição da experiência vivida.

A partir da análise das entrevistas, as quais foram gravadas, para que se conseguisse manter o máximo de aproximação verossímil, foi possível perceber que os idosos entrevistados apresentaram lembranças reelaboradas de experiências vividas no passado, que têm relação com as lutas e demandas da comunidade.

Para apresentação dos resultados deste estudo, o artigo foi estruturado com a introdução que apresenta a questão de pesquisa, objetivos e percurso metodológico dos estudos, em seguida a caracterização do Quilombo do Bacabal; e em seguida apresentamos as Memórias de velhos: trajetórias de vida que se entrelaçam aos processos de significações da escola quilombola a partir de três momentos de significações: a) A luta pela escola formal; b) O momento do fecho; c) A institucionalização da escola quilombola.

O quilombo Bacabal: território em construção

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, calcula-se que em 2022 existiam 1.327.802 quilombolas no Brasil, na região Norte concentra cerca de 166.069 pessoas, com a concentração de 135.033 quilombolas, o Pará ocupa a 4ª posição e possui a maioria dos territórios com delimitação oficial (87), alguns deles estão na Ilha de Marajó, no município de Salvaterra.

No projeto sobre a nova cartografia social da Amazônia (Fascículo 7; 2006) os territórios quilombolas de Salvaterra, são apontados como os primeiros a reivindicar a titulação coletiva com base no artigo 68 da Constituição Federal de 1988 e chegam hoje a 18 territórios. Em 2002 representavam 38% da população rural de Salvaterra, se autodefinem como “terras de pretos velhos”, “terras de herança” e “terras de herdeiros”, unidos por



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

laços de parentescos e na luta e reivindicação pelo território ameaçado pelos fazendeiros (Fascículo 7: 2006).

Grande parte do processo de autoidentificação como Territórios como quilombolas no arquipélago do Marajó-Pará foi liderado por mulheres, com o apoio do CEDENPA- Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará. Ressalta-se que essa parceria fortaleceu os movimentos já organizados em associações, que tinham um histórico de luta pela melhoria das condições de vida do povo negro no arquipélago, e em especial Salvaterra.

A partir da constituição federal de 1988, no seu art.68, e do Decreto nº4.887/2003, que passou a regulamentar o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras quilombolas, a definição de remanescente dos quilombos ressignifica o sentidos atribuídos a ancestralidade negra como lugar de resistência à opressão histórica,

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003, s.p.).

Autores locais como Acevedo (2009), reafirmam em seus estudos que os quilombolas de Salvaterra desenvolveram processos de territorialização e organização política relacionados a luta pelo direito de ser e existir,

Quilombolas de Salvaterra produziram um processo de territorialização que experimenta mudanças devido à existência de condições limitantes à sua existência, aos modos de produzir e de organizar a vida social. As cercas construídas pelos fazendeiros, cujo primeiro significado é de identificação e de relação com um “dono, proprietário”, privatizam os recursos (igarapés, lagos) e estabelecem impedimento, coerção, restrição de deslocamentos, de gozo da liberdade de movimentar-se livremente no território (Acevedo, 2009, p. 215).

É neste cenário, de lutas e resistências, onde se encontra no território Quilombola de Bacabal [figura 1], a primeira a ter a certidão emitida pela

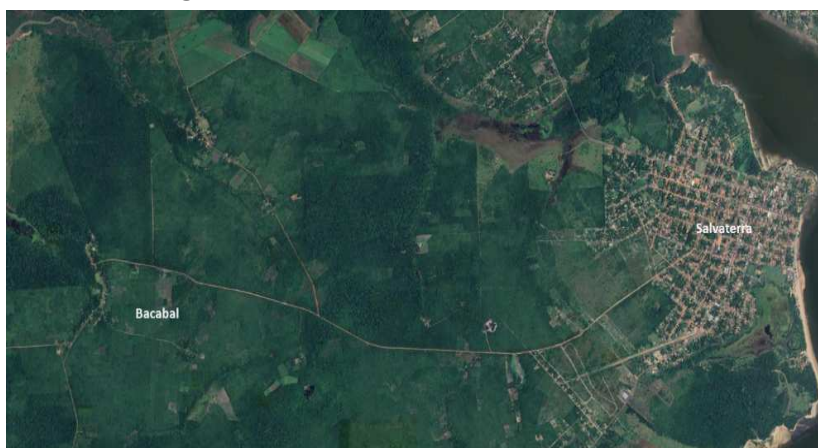


REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

Fundação Cultural Palmares - Portaria Nº 15, de 25 de julho de 2006, localizada cerca de 9 km da cidade de Salvaterra e, de acordo com dados fornecidos pelo Agente Comunitário de Saúde - ACS, a referida comunidade possui 91 famílias, totalizando aproximadamente 300 pessoas e, destas 25 são idosos.

Figura 1: Comunidade de Bacabal



Fonte: Google Earth.

O território Quilombola Bacabal, representado na ilustração 1, constitui-se basicamente como um território de economia predominantemente agrícola e extrativista. Tem na pesca e no cultivo da mandioca a base da sua subsistência, atividades prejudicadas pela limitação de seu espaço territorial, cingidos pela cerca da fazenda, o que tem ocasionado conflitos fundiários e colocado no centro da demanda do território a luta pela terra.

O território dispõe de uma única escola, a E.M.E.I.F. Quilombola de Bacabal Manoel Raimundo da Silva, que atende estudantes da educação infantil, ensino fundamental das séries iniciais e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos-EJA. São aproximadamente 60 alunos do próprio Quilombo. O território possui ainda uma unidade de saúde básica e uma pequena biblioteca. A estrada de acesso é rudimentar e no período invernos apresenta grandes dificuldades de acesso.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

Memória de velhos: trajetórias que se entrelaçam aos processos de significações da escola quilombola

Os sujeitos da pesquisa são dois quilombolas, sendo um homem de 89 anos de idade, seu Francisco e uma mulher de 77 anos de idade do Tereza⁵. Seu Francisco estudou até a terceira série do antigo primário, hoje, ensino fundamental séries iniciais. Já dona Tereza estudou todo o primeiro grau, o que equivale ao ensino fundamental completo. Ambos pertencem a famílias que contribuíram para a formação do Território Quilombola e são aposentados, porém, o senhor Francisco continua trabalhando na roça com cultivo de mandioca. Destaca-se que os dois trabalharam na escola, ele como vigia durante 8 anos e ela, iniciou como servente e, posteriormente, como professora.

O senhor Francisco Dias, chegou ao Quilombo de Bacabal aos 14 anos de idade, na companhia de seu pai. Nesse território, cresceu e formou família e até hoje mantém uma relação com o trabalho na agricultura, principalmente, na produção da farinha. Entusiasmado em narrar suas vivências revela a compreensão que sua narrativa ajuda os outros e, mais que isso, destaca seus conhecimentos “Eu já ajudei muitas pessoas, basta me dizer qual é o assunto que eu começo a falar”. Homem quilombola que se orgulhava de ter chegado da agricultura, mostra suas botas sujas de terra molhada da chuva fina que caia e da camisa no ombro e de sorriso amigo nos recebe dizendo que ia nos ajudar, ou seja, narrar sua trajetória.

A senhora Tereza Santos do Nascimento, natural de Bacabal no ano de 1944 apesar de seus problemas de saúde, dificuldades de locomoção e baixa visão, nos recebe pedindo para contar sua história de vida, mesmo depois de pedirmos para que falasse da escola, ela nos revela que sua história se entrelaça a história da escola e da educação escolar no quilombo.

A comunidade mesmo, na verdade ela não tinha escola, casa pra escola. O meu sogro, que fez um chalé de telha na frente da casa dele que era uma barraca grande de palha para acolher as crianças (Entrevista 09/03/2023).

⁵ Optamos manter os nomes verdadeiros como forma de reconhecimento de suas importâncias no Quilombo.



Assim, as memórias sobre a escola se entrelaçam com a história da entrevistada, com as relações de trabalho, com sua trajetória de vida, suas lutas políticas pela melhoria de vida na comunidade. Em quase sempre estiveram ligados aos movimentos de luta dentro do quilombo, inclusive chegando a liderá-los. Ao relatarem suas trajetórias de vida, os entrevistados voltam o olhar ao passado, e através de suas memórias vão reconstruindo e ressignificando suas histórias no agora, produzindo recortes, fragmentos de histórias de vida, de seus próprios percursos e sobre eles fazem juízos, comparações e reflexões. O passado e o presente se encontram, ou seja, ao narrar produziram uma narrativa do passado a partir do presente. Rememoraram o vivido, transformando e ressignificando suas experiências no presente, que organizamos a partir de três fatos significativos: a) A luta pela escola formal; b) O momento do fecho; c) A institucionalização da escola quilombola.

a) A luta pela escola formal

A educação e o acesso à escolarização são direitos acalentados entre os afro-brasileiros, como ponto central para alcançarem a emancipação. Nesse sentido, o pensar a escola nesse território tem se configurado por lutas que fomentam o reconhecimento (Honneth, 2003) dos sujeitos que protagonizam a vida nos territórios quilombolas, buscando a construção da escola no próprio processo de reconhecimento do território e do direito à escolarização.

Dona Tereza em sua narrativa revela o tempo em que não havia escola formal, fala de que a existência da escola “casulo” (pré-escola), dependeu da construção do chalé feita pelo seu sogro. Uma construção que precisou ser explicada para não ser preso,

[...] quando o meu sogro, tava mandando fazer o chalé de telha chegou o Cabo e o Dornelas dando voz de prisão e ele vem chegando da roça com panela de mandioca na cabeça pra colocar lá no igarapé pra amolecer, pra fazer farinha. E veio e contou qual era o objetivo que ele tava mandando construir porque as crianças não tinham lugar de estudar (Entrevista Tereza Santos do Nascimento; 9/03/2023).



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

A luta pelo direito de ter escola refere-se, segundo Honneth (2003), aos processos de reação ao desrespeito e às formas de marginalização e desconsideração dos direitos dos quilombolas de existir em seu território. Imersa em suas memórias, dona Tereza nos fala que para chegar a esse prédio que a escola tem hoje, ela funcionou em vários lugares inclusive uma sede, a sala de de uma casa e em um barraco improvisado construído por antigo professor. São narrativas que mostram as dificuldades para implementar na educação no território quilombola, e que Arruti (2011) considera como a territorialidade revivida pela memória.

[...] um certo tempo, foi uma professora daqui (referindo-se ao município de Salvaterra) formar o casulo no Quilombo de Bacabal. Como ela ia todo dia caminhando, inverno, verão, você sabe, essa nossa estrada aí, né. E ela achou difícil pra ela, trabalhou um ano e perguntou se eu não queria assumir a vaga dela. Na época eu trabalhava como servente na escola. (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023)."

Aí foi indo, foi indo. De lá, dessa escolinha, passou pra sede. Da sede, passou pra minha casa. Porque o pessoal entrou em serviço na sede. Aí eu peguei. Depois eu batalhei pra construir aquele pré que está lá na frente da minha casa. Lutei pela LBA⁶. Foi que a LBA entrou em parceria com a prefeitura. (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023).

Depois a escola municipal funcionou no lado da casa do professor Manoel Raimundo. Foi um dos últimos professores na época que veio pra Bacabal. E ele fez uma barraquinha lá na casa dele e lá funcionava. Como de inverno ficava muito esquisito porque a água que passava na rua sempre dava uma entrada, as crianças ficavam paradas sem estudar. Aí a gente apelou pro prefeito. Nós estávamos precisando de uma escola na comunidade. [...] conseguimos aquela escola. Aquela escola está lá [...] (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023).

As narrativas de dona Tereza revelam que a história da constituição da escola forma tem se constituído em virtude de suas próprias demandas sociais

⁶ Referindo a Legião Brasileira de Assistência. LBA- foi um órgão assistencial público brasileiro fundado em 28 de agosto de 1942 pela então primeira-dama Darcy Vargas, com o objetivo de ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial, contando com o apoio da Federação das Associações Comerciais e da Confederação Nacional da Indústria



e territoriais, que muitas vezes tanto se diferenciou dos marcos governamentais e das estratégias de planejamento, que muitas vezes desconsideram as singularidades nas dinâmicas territoriais do quilombo, quanto acionaram ao mesmo tempo os poderes públicos para o reconhecimento de seus modos de vida e das necessidades escolares para a escolarização de sua população.

Como descreve Bosi (1994) as narrativas de si de dona Tereza, atravessam a história da coletividade do próprio quilombo, testemunho sobre a ausência de uma política de governo que efetivamente se comprometesse com o direito à escolarização. Situação exemplificada nas dificuldades de ter um espaço de funcionamento da escola com professores.

Foram inúmeros professores na escola, que vindos da cidade, desistiram, frente às dificuldades de transporte e as condições de acesso ao território quilombola do Bacabal. Ressalta, que devido a essa dificuldade de adaptação que dona Tereza, com apenas o ensino fundamental, assume durante muitos anos a vaga de professora da escola. E, pela ausência da formação, anos depois, é afastada da sala de aula, permanecendo na escola até a sua aposentadoria, exercendo outras funções.

Para Acevedo (2009) esse processo de precarização da educação e as incertezas frente ao avanço do domínio do fazendeiro local sobre o território quilombola, se configuram como condições mobilizadoras para que os quilombolas pertencentes ao território quilombola de Bacabal se unisse, e lutassem pelo direito a escola e ao território, pela melhoria de suas condições de vida, forçando o poder público local a responderem as demandas não apenas pela construção física da escola, mas de sua manutenção e garantia da presença do professor e de suas condições de trabalho.

b) O momento do “Fecha”

A luta pela terra no Brasil envolve uma trama de relações sociais, culturais e políticas; nasce das determinações objetivas impostas historicamente à produção do próprio quilombo. A mobilização dos quilombolas do território do Bacabal se expressa no contexto histórico local, diante de um poder público que tenta inviabilizá-los. Assim, a luta pela construção da escola, também expressa a luta pelo território. Dito com outras palavras, as lideranças quilombolas lutam pela escola, pois sabem que a detenção e a manutenção do



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

território dependem da reprodução e difusão de representações que estejam em consonância com as particularidades culturais, modo de vida, usos do solo, relação com a natureza etc. da própria comunidade. Assim, a escola e o tipo de educação reproduzida em seu interior se tornam componentes estratégicos para a manutenção (ou para o colapso) do território.

Rememorando os fatos que evidenciam a luta da comunidade pelo direito para a escola ser construída em seu território, um movimento chamado pela senhora Tereza de “Fecha”, que se entende como um movimento de luta e resistência, que levou o povo a cercar o carro do então prefeito à época, impedindo sua passagem, levando-o a acatar a reivindicação da comunidade, como demonstram os momentos narrados pelos dois entrevistados, abaixo:

Eu lembro bem que eu vim um sábado aqui pra Salvaterra, e o Pinheiro, (prefeito de Salvaterra na época) mandou uma carrada de Pedra pra Vila Nova, pra construir nossa escola lá. E nesse dia que eu estava pra cá! Quando eu soube, eu mandei um recado pra lá pra Bacabal. Lá onde é a escola, era o terreno do seu Francisco, compadre Francisco, aquele terreno todinho, e ele disse que doava pra fazer a escola. Aí fizeram um fecha lá na frente, quando ele (o prefeito) passou no carro fizeram ele parar lá! Aí disseram que não! Que era para construir a escola aonde o compadre tinha doado o terreno. Onde ele tinha posto as pedra só existia um morador. Nós doava o terreno e a prefeitura construía a escola. Aí fizeram a escola lá, construíram a escola lá (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 09/03/2023).

Para lhe falar a verdade, já vou começar assim: para esse grupo (referindo-se a escola) nascer aqui, foi através de mim. Luta minha com meus companheiros; porque o dono dali, do São Macário, não queria que fizesse nada aqui. O dono do São Macário era o Joaquim Nunes. Ele não queria que fizesse nada aqui. Chegou um ponto que a escola era barraca de palha, porque o seu Joaquim queria até nos tirar daqui e tudo isso eu briguei contra ele. Aí veio aquele prefeito Pinheiro, ele entrou ia fazer um grupo aqui, só que ele (se referindo ao Joaquim) não queria que fizesse aqui, queria que fizesse lá no onde tem uma vilazinha chama Vila Nova e eu não, isso não vai acontecer. Bacabal é antigo, Vila Nova nasceu ontem vai ganhar o grupo (escola)?. E nós ia ficar aqui chupando dedo? Não pode! Aí calhou nesse dia de nós estarmos no mutirão, que era aqui a roça; quando eu soube que o Pinheiro vinha, aí eu sair pra lá,



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

mas deixei o moleque aqui de olho. Umas três horas da tarde o moleque chegou lá correndo.

O Pinheiro tinha passado pra cá e eu levantei a torre: vamos embora, vou esperar a volta dele. Aí ficamos. E quando vimos, [ele] dobrou lá e nós éramos 18 pessoas - cercamos aqui a frente tudinho, um segurando a mão do outro -, aí ele parou o carro e diz 'o que é isso'? eu 'o que é isso? Vem cá! a turma fez uma roda assim (mostrando um círculo) e ele ficou no meio. Porque tu quer fazer grupo, pra não...seu Joaquim não quer, é mas aqui não é Seu Joaquim que manda. Nós é que mandamos aqui, não é Seu Joaquim. E eu quero esse grupo aqui (Entrevista Francisco Dias 09/03/2023).

A despeito das tensões políticas, as narrativas se dão apresentando deslocamentos daquilo que é subjetivo, "o protagonismo" do narrador repletos de detalhes que culminam no cerco do prefeito, mas acima de tudo, do atendimento da comunidade para construção da escola. Percebe-se com isso, o sentido que dão à escola enquanto mecanismo de fincar, de afirmar a liderança no território, mas também o reconhecimento da existência do quilombo de Bacabal. A narrativa de Dona Tereza confirma as discussões de Santos et al (2022) de que é necessário resistência no território quilombola para que se reconheça e se firma a identidade quilombola,

Porque pelo que o homem dali queria fazer, era nos jogar daqui do nosso território e nossa identidade. Depois que a escola foi feita aqui, acabou a força dele - porque ele não tinha como, ele ia brigar com o governo (Entrevista Francisco Dias 09/03/2023).

E desejar que tivesse uma escola para que eles (se referindo a nova geração no quilombo) não passassem por tudo que muitos passaram, né? Muitos passaram. A maioria dos mais velhos passaram dificuldades porque ali teve muitos professores.

Muitos professores. Saia um, vinha outro. Não parava. Porque era dificuldade, né? (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023).

A disputa narrada tanto por seu Francisco, quanto por dona Tereza pela construção da escola reflete a sociedade e suas contradições como um palco



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

de conflitos, desigualdades múltiplas, sobrepostas e, de interesses diferenciados sobre a própria escola.

Rumando ao contrário do trajeto de subalternidade e submissão às hierarquias que tanto marcam a formação social do país, o projeto de uma escola que atenda as necessidades das populações quilombolas em seus territórios acaba por transformar as lutas dessa população pelo reconhecimento amplo das identidades que fazem parte da diversidade cultural e étnica no país.

Assim, corroborando com Miranda (2012) a implantação da escola pode se inserir no conjunto mais amplo de desestabilização de estigmas que definiram, ao longo de nossa história, a inserção subalterna da população negra na sociedade e, conseqüentemente, no próprio sistema escolar.

c) A institucionalização da escola quilombola

Discutir o processo de institucionalização do desejo pela escola nos quilombos, passa também pelo debate do papel da escola no diálogo entre a universalização e o apagamento das particularidades nos modelos educacionais hegemônicos. Seria possível pensar outra perspectiva de escola que guardassem a proximidade com os sujeitos que por ela lutaram.

No Quilombo Bacabal, continuaram a construir e circular saberes e práticas que conformaram suas existências, aprendendo com o Outro os jogos de poder e construindo estratégias que lhes permitem lutar pela existência e serem reconhecidos como sujeitos quilombolas.

Nesse sentido, a proposta de uma educação diferenciada ecoa nas narrativas como uma possibilidade de valorização da própria identidade quilombola, relacionada ao processo de reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombos e ao mesmo tempo a sua auto identificação.

Então, quando saiu essa escola, aí depois de tudo legalizado, papel reconhecido, com estatuto, com tudo, justamente, a escola recebeu o nome de Manoel Raimundo da Silva, é escola Municipal, eu sei que por isso tá levando de quilombola, aí então foi através das documentações, aí foi que eu descobri que na verdade eu sou uma quilombola, meu pai era da origem



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

dos quilombolas refugiados, que se alojaram, que têm Mangueiras, Bacabal, pau-Furado, Barro Alto, Caldeirão e outras comunidades, e então, foi assim que surgiu (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023).

Para nós, aqui na comunidade, ela foi uma grande coisa que representa agora remanescente de quilombo. Foi um bem dentro da comunidade. o que era bom, se tornou melhor (Entrevista Francisco Dias 09/03/2023).

As falas dos entrevistados deixam transparecer um grande orgulho de sua origem enquanto moradores da comunidade de Bacabal e proporcionaram a reafirmação de sua comunidade enquanto território remanescentes quilombolas. Suas falas marcam não apenas a alegria de ter colaborado efetivamente na construção da escola no território do Bacabal, mas também, da representatividade pela ela passaria a ter a partir do seu próprio nome e de suas expectativas “o que era bom, se tornou melhor”

Eu me sinto muito orgulhosa, me criei, nasci ali naquela comunidade, adquiri a minha família. Minha família, filhos, marido, tudo lá. E até hoje, quando eu posso ainda lutar por algo na minha comunidade, eu luto. E eu tenho um orgulho de hoje eu saber qual a minha origem. Qual a minha origem verdadeira. E de saber que eu sou da origem quilombola (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023).

Para nós, aqui da comunidade, ela foi uma grande coisa como se representa agora remanescente de quilombo também (Entrevista Francisco Dias 09/03/2023).

Compreendendo que significância das narrativas acima, é atravessada pelos os princípios da política de Educação Escolar Quilombola que representa um avanço democrático em tempos tão difíceis. Pautam sobretudo o reconhecimento de que, em sua prática educativa, o direito ao acesso educacional específico precisa ser considerado. Assim, entre os avanços conquistados, as narrativas projetam uma perspectiva futura de formações de professores dentro do próprio território e de que a escola não perca as relações estabelecidas com a dinâmicas do quilombo,

Olha, o que eu espero aqui é o melhoramento aqui dela, né? Porque tem muito espaço pra fazer várias salas. E também



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

trazer vários professores que em vez de ir lá, vão aqui no lado de casa estudar (Entrevista Francisco Dias 09/03/2023).

Antigamente, dos primeiros professores que criaram o grupo, eles faziam atividades. Quando era 7 de setembro, desfilavam com as crianças aqui mesmo, né? Aí faziam corrida, que eu corri também [...] depois entrou uma professora. aquela era uma professora. Essa fazia uma atividade aqui. Boa, boa mesmo. Se era dia não sei do que, ela fez tudo. Fazia aquela diversão que dizia que pra nós era um procedimento. Hoje não tem nada (Entrevista Francisco Dias 09/03/2023).

Às vezes, na própria comunidade, tem pessoas que não assumem a real vida que é e que tem e que seja. Dá a responder, eu não sou quilombola porque não sou preto. Tem preconceito com si próprio (Entrevista Tereza Santos do Nascimento 9/03/2023).

Embora as narrativas revelem a escola de Bacabal como um marco histórico de luta relevante pelo direito à educação e para a educação quilombola, pois, foi conquistada e construída a partir de lutas coletivas, disputas territoriais e afirmação do direito à educação de todos, os velhos relatam conflitos em relação ao pertencimento da escola junto a comunidade, uma vez que, recordam de outros tempos em que a escola promovia inúmeras atividades culturais com e para as pessoas do território quilombola.

Além disso, revelam que na própria comunidade tem pessoas que não se assumem quilombola, tem preconceito consigo mesma. Compreende-se que ao fazer referência a isso, eles o fazem em relação a possibilidade da escola em promover ações de fortalecimento da identidade quilombola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escutar os idosos buscamos compreender as histórias e memórias da comunidade quilombola de Bacabal. Tendo como foco a passagem da escola não quilombola para escola quilombola, foi possível fazer um panorama da oferta da educação escolarizada na comunidade, bem como, de seus processos de melhoramento das instalações, oferta e qualidade de ensino, transformações e das significações e suas relações com a escola.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

Segundo Sarlo (2007) a memória não é uma elaboração do passado, é antes uma elaboração do presente sobre o passado, o presente lhe serve de lugar de produção e contraste. Nesse sentido, a memória permite reerguer a história e a identidade de um povo, o que nos dias atuais está em risco, pelos efeitos da modernidade sobre os seres humanos, sobre as diferentes comunidades.

A memória é que vai fazer com que essa história seja transmitida. É importante saber que ao trabalhar com a memória existe um outro elemento, outro processo para além da escrita, a oralidade. A oralidade é um dos elementos mais importantes para a manifestação e transmissão dos modos de vida de um povo.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que as narrativas de velhos quilombolas revelaram um entrelaçar da história da escola com a da comunidade, isso porque, a luta pelo território é a maior preocupação de seus habitantes. Por esse motivo a escola na comunidade representa um marco no processo de firmar. E mesmo sob pressão do fazendeiro encontraram condições de defender-se e afirmar-se.

A luta em torno do direito ao território tem enorme significado na vida dos entrevistados, uma vez que está relacionado ao sentimento de pertença e identidade, confirmados em seus relatos, ao expressarem com orgulho a origem quilombola.

Os resultados evidenciam que há depender do objeto rememorado, os entrevistados, vão ressignificando e valorizando alguns acontecimentos, entre eles a luta pelo reconhecimento, as questões de titulação, as situações de impedimento e limitações de usos e costumes praticados pelos povos tradicionais.

A história do movimento para construção da escola de Bacabal, foi o aspecto que apareceu com maior relevância quando os entrevistados narraram o ocorrido, constituindo-se um marco na vida deles.

Diante disso, constrói-se um recorte de um tempo e espaço do objeto, no caso a escola, e o que ela significa na perspectiva dos entrevistados. São narrações que fazem de suas vidas e de suas participações na vida mais ampla, no campo social e político. E também, serve de testemunho vivo do quanto comunidades negras e quilombolas no Brasil, no passado e agora no



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

presente, estão a lutar para promover o ensino dos seus. Corroborando com o longo período histórico de negação de direitos e preconceitos presentes nos processos de escolarização no Brasil.

Logo, é salutar o encontro entre o desejo de falar dos entrevistados, de comunicar aquilo que tem sentido e significado individual e coletivo do que lhes acontece com a vontade de visibilizar narrativas que pela ciência moderna racional não entram na narrativa da história “oficial” por obra do projeto hegemônico de esquecimento e apagamento.

Desta maneira, é possível inferir que a história da comunidade de Bacabal se mantém viva, através dos relatos orais dos moradores mais antigos que contam aos mais novos todas as suas histórias de lutas e trabalho para se afirmar enquanto comunidade e preservar sua cultura.

Além do mais, ecoa a denúncia da ausência de políticas públicas para a melhoria da escola e da educação escolar destinada ao território quilombola que em outrora ocorria.

REFERÊNCIAS

Benjamin, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. Trad. José Lino Grünnewald. In: Benjamin et al. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal, Biênio 2015/2016.

Brasil. **Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 16 de março de 2023.

Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Fascículo 7. **Quilombolas da Ilha de Marajó**, in Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Casa 8. 12 p, Belém, 2006.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>

Godoi, Emilia; Menezes, Marilda; Marin, Rosa. **Diversidade do campesinato:** Expressões e categorias, volume 02. São Paulo: UNESP, 2009.

Halbwachs, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Matérias especiais QUILOMBOLAS NO BRASIL**. Disponível em:
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>. Acesso em abril de 2024.

Lacapra, Dominick. **O queijo e os vermes:** o cosmo de um historiador do século XX. Topoi. Rio de Janeiro, vol. 16, n.30, 293-312, 2015.

Minayo, Maria Cecília Costa, Antônio Pedro. **Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa**. vol. 40, p-139-153. Revista Lusófona de Educação. Lisboa, 2018.

Minayo, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Vozes, Petrópolis, 2001.

Sarlo, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Zumthor, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inez de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Submissão em 1 de maio de 2024.
Aceite em 13 de agosto de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0
Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262733 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262733>